

***Os Argonautas do Manguê. Precedido de Balinese Character (Re)visitado por Etienne Samain.***

**ALVES, André.**

**Campinas: editora UNICAMP e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004, 240 p.**

**Fabiana Carla Ferracini**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Fotos sobre aulas de dança em Bali? Cenas de uma balinesa amamentando um bebê? Imagens de homens catando caranguejos? Lama? O que têm a ver as cenas do cotidiano no manguezal capixaba com o estilo de vida balinês? É o que provavelmente deve se perguntar o leitor ao correr os olhos sobre *Os Argonautas do Manguê*. Resposta: têm tudo a ver quando se trata de metodologia orientada pelos recursos da comunicação visual, ou seja, a utilização da imagem (aqui, a fotográfica) como suporte central na elaboração da pesquisa de campo, como fizeram Margareth Mead e Gregory Bateson em seu *Balinese Character. A photographic analysis*, obra publicada em 1942. E agora, é o que faz André Alves, fotógrafo e biólogo, em *Argonautas do Manguê*, tornando seu empreendimento inteligente e bastante inovador no Brasil.

Lançado em 2004 pela editora da Unicamp, o livro se originou da dissertação de mestrado defendida pelo biólogo no Programa de Pós-graduação em Mídias da Universidade Estadual de Campinas, e sua publicação contou com o apoio da Companhia Vale do Rio Doce. Dentre os conteúdos, está a documentação de sua pesquisa realizada junto aos caranguejeiros da cidade de Vitória, nos anos de 1997 e 1998. O estudo traz como substrato a antropologia visual seguindo o rastro metodológico de *Balinese Character*. Tendo como parâmetro essa obra considerada pioneira e ricamente revisitada por Etienne Samain em um texto didático de grande presteza, o método usado por Alves transforma as 240 páginas de *Argonautas* numa lei-

tura agradável. Para deleite dos olhos, suas páginas, todas em papel couchê, vêm recheadas de fotografias poéticas em cores ou em preto e branco, e os textos são acompanhados por longas e elucidativas notas laterais e numeradas.

Dividida em duas partes, a obra abre com o texto de Samain, professor e orientador da pesquisa, que resitua, no contexto atual de valoração dos estudos de antropologia visual e performance, a obra-prima de Mead e Bateson. Defensor da utilização dos suportes audiovisuais como ‘elementos pensantes’ na construção da etnografia, o autor procura mostrar, nesse trecho, as virtudes epistemológicas em questão. A parte inicial contém cinco “subcapítulos”, nos quais são tecidas considerações sobre a vida, influências acadêmicas e obras dos autores de *Balinese character*. Porém, são nas 35 páginas seguintes que Samain reserva espaço para o comentário do “livro mítico”, nas quais pincela sobre a experiência do casal em Bali. Um clássico da antropologia visual, a publicação em debate trata da pesquisa de campo, ocorrida entre 1936 e 1939, sobre o *ethos* balinês (“o estilo de ser” dos nativos dessa ilha). A problemática gira em torno de como uma criança nascida em Bali se torna um “inconfundível balinês”. O resultado se compõe de registros verbais e visuais (são 100 pranchas temáticas) sobre diversos temas, como: “Pais e filhos”. É uma elaboração etnográfica que não relega a fotografia a um segundo plano, mas coloca-a como figura principal na construção da reflexão antropológica. Sem, no entanto, excluir o suporte da escrita. O ponto culminante do texto se dá na análise das pranchas fotográficas (nºs 16, 10 e 47) retiradas do clássico em debate, cujo intuito é ilustrar a utilização dessa metodologia. Permite ao leitor perceber como é tecido o método proposto por tais autores. A análise ocorre no tocante à construção imagética e textual, avaliando as vantagens e os riscos dessa composição. Essa introdução se configura num recomendado ‘contato antecipado’ com *Balinese Character* e numa importante fonte de informação sobre a Antropologia Culturalista.

Na segunda metade, encontra-se o trabalho de Alves, o qual propõe entender o mundo dos caranguejeiros, seus conflitos em grupo e as dificuldades de sobreviver de um ecossistema em constante degrada-

ção. A “etnografia visual” é composta pela introdução, três capítulos e as considerações finais. Na introdução, o autor explica o porquê da escolha do nome “argonautas”, que se refere tanto aos guerreiros navegantes da mitologia grega, quanto ao livro de Bronislaw Malinowski, *Argonautas do Pacífico Ocidental*. O primeiro capítulo consiste numa análise iconográfica do município e de aterros do mangue. São mapas e fotos de décadas diferentes dos locais aterrados, mostrando a ocupação do manguezal ao longo do tempo. No capítulo II, “Uma etnografia visual”, o autor entra no universo dos catadores de caranguejo, portadores de conhecimento sobre o ecossistema de mangues. O grande número de fotogramas (ao todo, 3.600 fotos) favoreceu a utilização do modelo proposto por Bateson e Mead, visto que permitiu a organização das fotos em 28 pranchas temáticas, arranjadas em seqüências que não descartam o suporte da escrita. Os textos, sinalizados com o número da prancha fotográfica correspondente, oferecem uma descrição geral de cada conjunto de fotos apresentado, em seguida, em “Análise fotográfica”. Esses textos estabelecem “laços” de significados com as fotos, enriquecendo a leitura. O livro termina com um bloco de fotografias (capítulo III – “Narrativa visual”) que, sem apoio textual, obedecem a uma orientação presente na maioria de suas composições fotográficas. De um modo geral, a série de exposição das imagens segue um movimento descritivo que vai do plano geral ao particular. Primeiro, há fotos que retratam o manguezal como um todo para, depois, irem se aproximando e adentrando a floresta até cair no plano das técnicas de obtenção do caranguejo, mostrando os trabalhadores em pleno ofício. Esse movimento proporciona um “deslocamento” do leitor, fazendo com que “entre no mangue” ao seguir a seqüência de imagens, deixando-o livre para construir sua própria conclusão.

Assim como a obra revisitada na primeira parte do livro, toda essa exposição convida a uma reflexão sobre o uso da imagem como método da Antropologia. A publicação de André Alves se configura, na verdade, numa espécie de provocação aos meios acadêmicos ao sugerir que se abram discussões em torno da problemática em questão.